

RUA 11 de AGOSTO

Designada em 01-06-1874

Formada pela rua do Campo

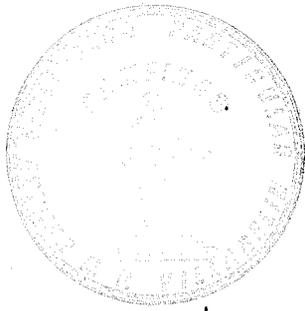
Início na rua Dr. Costa Aguiar

Término na rua Saldanha Marinho

Centro

11 DE AGOSTO

As ferrovias sempre tiveram vital importância na paisagem humana, social e econômica do Estado de São Paulo, e as datas que assinalam a chegada do trem à determinada localidade, passaram a se constituir um marco na história de cidades paulistas. E 11 de Agosto é a que recorda um dos mais importantes acontecimentos registrados na história da nossa Campinas: a da chegada do trem da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em 1872. Isto representava progresso. A partir de então, acentuado desenvolvimento se verificou em todos os setores da vida campineira. Colégios, associações, hospitais, comércio e indústria foram surgindo em admirável sequência de realizações, animadas pelo influxo vital do novo e rápido sistema de comunicações proporcionado pela via férrea. De Santos à Jundiaí, passando por São Paulo existia a ligação férrea, monopólio de quase um século da Companhia inglesa, que nenhum interesse teve em prolongar suas linhas ao interior, pois a construção de qualquer estrada a transformaria em sua tributária. O Presidente da Província de São Paulo, Saldanha Marinho, teve a idéia de estender a ferrovia de Jundiaí à Campinas, por ser esta cidade considerada a "capital agrícola" da Província. Reuniu pessoas de prestígio sócio-econômico, veio à Campinas tratar do assunto e o resultado: foi fundada a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em data de 30-janeiro-1868, a quem coube rasgar os sertões de São Paulo, qual um moderado solo paulista. Para que se possa ter idéia do significado da chegada do trem a uma cidade, vamos reproduzir um trecho da página que o jornalista Francisco Quirino dos Santos (o "Dr. Quirino"), testemunha ocular do fato, publicou na sua "Gazeta de Campinas": "Contavam-se três horas e meia, quando um estremecimento estranho veio eletrizar em todos os sentidos aquela reunião enorme; ouviu-se, longínquo, um rugido estridente e os ecos repercutiam pelas nossas mais belas campinas e o férreo galopar do misterioso hipogrifo. O que se passou nesse instante foi uma coisa que não se diz: sonha-se ou vê-se. Girândolas, foguetes, baterias, aclamações, músicas, tudo isso se ergueu num ímpeto tão sublime como a própria alma do povo, a perder-se numa vertigem de alegria indefinida. Espetáculo maravilhoso! Entusiasmo assim não se prepara: nasce de si mesmo, como a lava no seio



10

O dia 11 de agosto recorda um dos acontecimentos mais importantes registrados na história desta cidade: inauguração da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em 1872.

As ruas movimentadas e festivas, gente em quantidade, bandeiras e flores denunciavam algo de extraordinário e o interesse da população irmanada num sentimento de alegria, pois realizava-se um sonho acalentado durante muito tempo, concretizando-se o início de uma nova era para a então conhecida Capital Agrícola da Província.

Diz o dr. Francisco Quirino dos Santos, testemunha ocular dos fatos:

"Contavam-se três horas e meia quando um estremecimento estranho veio eletrizar em todos os sentidos aquela reunião enorme: ouvia-se longinquo um rugido estridente e os ecos repercutiam pelas nossas belas campinas o férreo galopar de misterioso hipogrifo.

O que se passou nesse instante foi uma coisa que não se diz: sonha-se ou vê-se. Girandolas, foguetes, baterias, aclamações, tudo isso ergueu-se num ímpeto tão sublime como a própria alma do povo a perder-se numa vertigem de alegria indefinida. Chegava o primeiro trem ligando Campinas a Jundiaí e consequen-

temente à Capital da Província.

Data desse dia o acentuado desenvolvimento que se verificou em todos os setores da vida campineira. Colégios, associações, hospitais, empresas fabris foram surgindo numa sequência admirável de realizações animadas pelo influxo vital do novo e rápido sistema de comunicações proporcionado pela via ferrea. Cresceu a população e com ela os melhoramentos necessários ao seu bem estar. Veio a iluminação à gás, depois o transporte pelos carris de tração animal, o telefone e jornais diários. Animaram-se os teatros com a fácil vinda de artistas e grandes companhias, transformando Campinas num grande centro de progresso e cultura.

Findara-se o tempo das longas, cansativas e penosas viagens a cavalo ou de troia até Jundiaí.

Justíssimo era o contentamento dos campineiros na aquela hora do já distante mês de agosto de 1872.

Noventa e sete anos passados, aí está a importante estrada de ferro modernizada e eficiente, estendendo seus trilhos de aço pelo fértil solo bandeirante graças ao esforço, dedicação e idealismo que animaram seus dirigentes, desde 30 de janeiro de 1868, que marcou a fundação da grande empresa.

Os dois Onze de Agosto

CP (III) 170976
Odilon Nogueira de MATOS

O segundo Onze de Agosto desta minha evocação — já o lembrei — é campineiro, data das mais importantes da história local. A recordá-la existe na cidade uma rua das mais conhecidas, centro de importante comércio atacadista no seu trecho inicial, e em sua parte final servindo a um dos mais importantes hospitais da cidade, a cuja fonte abre-se bela praça ajardinada, com o busto de Camões, patrono da mesma. Campinas é das poucas cidades do Brasil a homenagear, com busto ou estátua, o grande poeta da língua. Mas o que importa no momento não é o Camões mas o Onze de Agosto. A data nada tem a ver com a outra, mencionada em artigo anterior, evocadora da criação dos cursos jurídicos no Brasil e que, por isto mesmo, se tornou data nacional. O nosso 11 de agosto lembra a inauguração da estrada de ferro de Campinas, com a chegada do primeiro trem, em 1872.

Com a abertura da linha férrea de Jundiá a Campinas estava inaugurado o primeiro trecho de um vasto sistema de comunicações que acabou se estendendo praticamente a todo o Estado de São Paulo. A "Paulista", tal como as demais ferrovias de São Paulo, nasceu vinculada ao café. Uma vez que a companhia inglesa que construira a ligação do litoral ao planalto não se interessou pelo prolongamento de suas linhas além de Jundiá, pois um privilégio de quase um século assegurou-lhe o monopólio no funil São Paulo-Santos, de maneira que qualquer estrada que se construísse no interior acabaria sua tributária — e isto lhe bastava! — coube a fazendeiros, capitalistas e homens públicos de São Paulo levar os trilhos para as áreas que vinham sendo cobertas pelo "onda verde" dos cafezais. A "Paulista" foi a primeira. Em 1868 era presidente da província de São Paulo o grande Saldanha Marinho. Foi dele a idéia de estender a ferrovia de Jundiá a Campinas, por ser esta cidade a "capital agrícola" da província. Convocou as pessoas com quem julgou podia contar, estimulou-as ao empreendimento, veio pessoalmente a Campinas tratar do assunto com fazendeiros da região, abriu-lhes as vistas para o futuro promissor da província, e o resultado foi a fundação da nossa mais importante ferrovia, lamentavelmente diluída hoje na vala comum de uma organização estatal que só soube estragá-la.

O grande jornalista campineiro Francisco Quirino dos Santos (o "Doutor Quirino" evocado numa das nossas principais ruas) deixou uma bela página retratando os acontecimentos de 11 de Agosto de 1872:

"Contavam-se três horas e meia, quando um estremecimento estranho veio eletrizar em todos os sentidos aquela reunião enorme; ouviu-se, longinquo, um rugido estridente e os ecos repercutiam pelas nossas mais belas campinas o fêrreo galopar do misterioso hipogrifo. O que se passou nesse instante foi uma coisa que não se diz: sonha-se ou vê-se."

Girândolas, foguetes, baterias, aclamações, músicas, tudo isso se ergueu num impeto tão sublime como a própria alma do povo, a perder-se numa vertigem de alegria indefinida. Espetáculo maravilhoso! Entusiasmo assim não se prepara: nasce de si mesmo, como a lava no seio dos vulcões para esbrasear a face das montanhas

e deramar o calor e o brilho pela atmosfera incendiada. Como que tinha chamadas ao ar: os aplausos, os vivas, os sons vários, casavam-se num hino profundo que era mais que uma desmedida expansão do prazer a tumultuar por todos os semblantes: era a apoteose majestosa do gênio do homem identificado com os símbolos das grandes invenções modernas.

Dois locomotivas galhardamente enfeitadas com topos, fitas, laços e bandeiras, abriam caminho, puxando dezenove vagões em que vinham os dois grandes vultos do dia — Saldanha Marinho e Falcão Filho, o iniciador e o executor do pensamento concebido na Companhia Paulista, e vinham mais o resto da diretoria e inúmeros acionistas e convidados, entre os quais o presidente da província, o chefe de polícia, etc. Parado o trem, Saldanha Marinho e Falcão Filho foram recebidos des locais e a multidão inteira que não cespela nossa Câmara Municipal, autorizava de os vitoriar".

Falaram, ao ato, vários oradores, entre os quais Campos Sales e o próprio Doutor Quirino, e seguiram-se as festividades de praxe: ofício religioso na matriz da Conceição, luminárias nos edifícios públicos e particulares e um suntuoso baile no Teatro São Carlos, cujo recinto, lembra o cronista "deslumbrava de flores, de luzes e de custosas toilettes".

Vejam os leitores pela notícia do jornal que os grandes homenageados foram os fundadores da "Paulista": ninguém usou para o presidente da província, cujo nome nem é mencionado e foi simplesmente incluído no "resto dos visitantes". Com a preocupação burocrática que hoje nos assombra, como seria diferente essa notícia se os fatos ocorressem em nossos dias.

Saldanha Marinho comparece como o fundador da "Paulista", pois já não exercia mais o governo da província, que era ocupado, na ocasião, pelo Cons. Francisco Xavier Pinto Lima, que poucos meses permaneceria à frente do governo, substituído em fins daquele mesmo ano de 1872 por João Teodoro Xavier de Matos.

As ferrovias marcaram de tal maneira a paisagem humana, social e econômica de nosso Estado, que as datas da chegada do trem constituem sempre marcos importantes na história das cidades paulistas. Já tratei do assunto, demoradamente, em meu livro "Café e Ferrovias". Recordarei aqui, apenas, que Campinas não esqueceu o grande acontecimento. Não só a data de 11 de agosto figura numa das nossas ruas, como, também, outras vias públicas da cidade ostentam os nomes de Saldanha Marinho e do Falcão Filho, os dois grandes homenageados nas festas de 1872, como se vê da crônica de Quirino dos Santos em sua "Gazeta de Campinas". Outros nomes vinculados a Campinas aparecem nas reuniões preliminares da fundação da "Paulista" e igualmente se encontram na nomenclatura das nossas ruas: os Barões de Cascalho, de Atibaia e de Itatiba (Ferreira Penteado); o Visconde de Indaiatuba, os Irmãos Souza Aranha (um dos quais, Joaquim Egidio, veio a ser o Marquês de Três Rios, que também foi presidente da província) e Antônio Pompeu de Camargo. Doutra lado, duas ruas, uma na Ponte Preta e outra na Vila Nova, lembram dois dos maiores nomes da história da "Paulista", embora não vinculados diretamente a Campinas: o Engenheiro Monlevade e o Conselheiro Antônio Prado.

Eis o sentido do 11 de Agosto campineiro. Julguei de justiça evocá-lo, ao mesmo tempo que ao outro, de projeção nacional, de alta relevância na história cultural e política do Brasil. Um e outro são eventos que não podem e nem devem ser esquecidos. Lembrá-los aos de hoje é o mínimo que se pode fazer, quando se tem a possibilidade de comunicação pela imprensa.

